

Grupo I – Leitura / Escrita / Gramática

Texto A

Leia o excerto com muita atenção:

Manuel (passeia agitado de um lado para o outro da cena, com as mãos cruzadas detrás das costas; e parando de repente) — Há de saber-se no mundo que ainda há um português em Portugal.

Madalena — Que tens tu, dize, que tens tu?

Manuel — Tenho que não hei de sofrer esta afronta... e que é preciso sair desta casa, senhora.

Madalena — Pois sairemos, sim; eu nunca me opus ao teu querer, nunca soube que coisa era ter outra vontade diferente da tua; estou pronta a obedecer-te sempre, cegamente, em tudo. Mas, oh! esposo da minha alma... para aquela casa não, não me leves para aquela casa! (Deitando-lhe os braços ao pescoço).

Manuel — Ora tu não eras costumada a ter caprichos! Não temos outra para onde ir; e a estas horas, neste aperto... Mudaremos depois, se quiseres... mas não lhe vejo remédio agora. — E a casa que tem? Porque foi de teu primeiro marido? É por mim que tens essa repugnância? Eu estimei e respeitei sempre a D. João de Portugal; honro a sua memória, por ti, por ele e por mim; e não tenho na consciência por que receie abrigar-me debaixo dos mesmos tetos que o cobriram. — Viveste ali com ele? Eu não tenho ciúmes de um passado que me não pertencia. E o presente, esse é meu, meu só, todo meu, querida Madalena... Não falemos mais nisso: é preciso partir, e já.

Madalena — Mas é que tu não sabes... Eu não sou melindrosa nem de invenções; em tudo o mais sou mulher, e muito mulher, querido; nisso não... Mas tu não sabes a violência, o constrangimento de alma, o terror com que eu penso em ter de entrar naquela casa. Parece-me que é voltar ao poder dele, que é tirar-me dos teus braços, que o vou encontrar ali... — Oh, perdoa, perdoa-me, não me sai esta ideia da cabeça... — que vou achar ali a sombra despeitosa de D. João que me está ameaçando com uma espada de dois gumes... que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa filha, que nos vai separar para sempre... — Que queres? Bem sei que é loucura; mas a ideia de tornar a morar ali, de viver ali contigo e com Maria, não posso com ela. Sei decerto que vou ser infeliz, que vou morrer naquela casa funesta, que não estou ali três dias, três horas, sem que todas as calamidades do mundo venham sobre nós. [...]



Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Responda, por palavras suas e de forma completa, às questões que se seguem.

1. Mostre como o diálogo entre os dois protagonistas põe em confronto e, assim, melhor evidencia:
 - distintas relações com o passado;
 - diferentes temperamentos.
2. A reação de D. Madalena não desperta surpresa no leitor/espetador. Explique porquê.
3. Demonstre que os dois protagonistas desta cena revelam características da estética romântica.

4. “e que é preciso sair desta casa, senhora.” (l.4); “não me leves para aquela casa!” (l.7).
a. Identifique os **deíticos espaciais** presentes nestas frases.
b. Especifique a que espaços eles se referem.
5. “Há de saber-se no mundo que ainda há um português em Portugal.” (l.2).
a. Classifique a oração sublinhada.

Texto B

Leia o excerto com muita atenção:

[...] Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos dela, temos lá o irmão polvo, contra o qual têm suas queixas, e grandes, não menos que S. Basílio e Santo Ambrósio. O polvo com aquele seu capelo(1) na cabeça parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja latina e grega que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir ou pintar das mesmas cores de todas aquelas cores a que está pegado. As cores que no camaleão são gala, no polvo são malícia; as figuras, que em Proteu(2) são fábula, no polvo são verdade e artifício. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. E daqui que sucede? Sucede que outro peixe, inocente da traição, vai passando desacomatado, e o salteador que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais, porque nem fez tanto. Judas abraçou a Cristo, mas outros o prenderam; o polvo é o que abraça e mais o que prende. Judas com os braços fez o sinal, e o polvo dos próprios braços faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante; traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras. O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros e a primeira traição e roubo que faz é a luz, para que não distinga as cores. Vê, peixe aleivoso(3) e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor!



Pe. António Vieira, *Sermão de Santo António* (Cap. V)

(1) Capuz; (2) Deus marinho da mitologia grega que tinha o poder de se metamorfosear; (3) perverso; perigoso.

Responda, por palavras suas e de forma completa, às questões que se seguem.

- No início do seu sermão, Vieira refere que os peixes têm duas virtudes.
a) ouvem muito e falam pouco;
b) ouvem e falam pouco;
c) ouvem pouco e falam muito.
- Vieira divide o seu sermão em duas partes:
a) na 1.ª ouve os colonos e na 2.ª repreende os índios;
b) na 1.ª louva as virtudes dos peixes e na 2.ª repreende os seus vícios;
c) na 1.ª louva os Jesuítas e na 2.ª repreende os índios.

3. Os peixes corporizam...
 - a) as virtudes dos homens de S. Luís do Maranhão;
 - b) os defeitos/vícios dos homens de S. Luís do Maranhão;
 - c) as virtudes e os defeitos dos homens de S. Luís do Maranhão.
4. Representam as virtudes dos peixes...
 - a) a rémora, o torpedo, o quatro-olhos, o Peixe de Tobias;
 - b) a rémora, o quatro-olhos, o polvo, o pegador;
 - c) o polvo, o pegador, o voador, o roncador.
5. Representam os defeitos/vícios dos peixes...
 - a) a rémora, o quatro-olhos, o polvo, o pegador;
 - b) o polvo, o pegador, o voador, o roncador;
 - c) a rémora, o torpedo, o quatro-olhos, o Peixe de Tobias.
6. A partir do excerto apresentado acima, explicita os traços de **caracterização física do polvo** referindo os **três recursos expressivos** utilizados para os sublinhar no excerto acima apresentado.

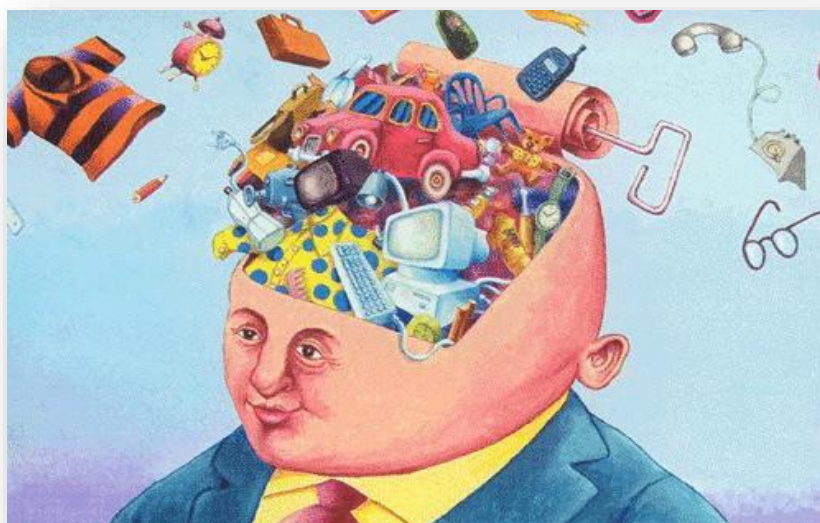
Grupo II

Compreensão da obra: *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett

Escolha uma afirmação correta para cada questão.

1. A primeira cena do Acto I da peça decorre...
 - a) no salão do palácio de D. João de Portugal
 - b) no quarto de Maria
 - c) num banco de jardim
 - d) no salão do palácio de Manuel de Sousa Coutinho.
2. A divisão do palácio onde se encontra D. Madalena de Vilhena está...
 - a) isolada das restantes
 - b) totalmente escurecida
 - c) luxuosamente decorada
 - d) sem qualquer adorno.
3. D. Madalena, na primeira cena, encontra-se a ler o livro intitulado...
 - a) A Castro
 - b) Trovas à Morte de D. Inês de Castro
 - c) Menina e Moça
 - d) Os Lusíadas.
4. D. Madalena compara a sua vida com...
 - a) a de Inês de Castro
 - b) a da personagem de *Menina e Moça*
 - c) a de D. Sebastião
 - d) do autor de *Os Lusíadas*.
5. Na Cena 2, o diálogo entre Telmo e Madalena, informa-nos de que:
 - a) Maria tem agora treze anos
 - b) Madalena se casou quando ainda era uma criança
 - c) Telmo nutre uma imensa estima por Maria
 - d) Telmo já cuidava de Madalena desde que esta era criança.
6. Ao falarem do passado, ficamos a saber que:
 - a) Madalena encontrou vários indícios de que seu marido estava vivo
 - b) Telmo duvida que seu antigo amo, D. João de Portugal, tenha morrido na batalha
 - c) Madalena tinha 17 anos quando ficou viúva
 - d) Madalena procurou seu marido durante 7 anos.





Depois de observar a imagem, leia o excerto do artigo jornalístico com muita atenção:

“A educação para a bondade foi substituída pela instrução para o cinismo. As consequências estão à vista e são desastrosas: aos 15 anos, a alma dos nossos filhos cheira a cinzas. O chamado “bullying”, ou sistema de aterrorização permanente, resulta de exemplos concretos, quotidianos: a prioridade dada às boas notas sobre os bons comportamentos, a rasura da diferença moral entre verdade e mentira, o estímulo à conquista de bens materiais, seja por que método for, a transformação do amor num brinquedo temporário de exaltação do narcisismo e a consideração da amizade como um mecanismo de promoção social.”

Inês Pedrosa, in *Sol*, 12.03.2014

No mundo contemporâneo, os valores que sempre serviram de referência à Humanidade – a verdade, o amor, a amizade, a solidariedade, a bondade... - são postos em causa e substituídos por um egoísmo e um materialismo ferozes, que parecem comandar as vidas.”

Num texto bem estruturado, com um mínimo de 150 e com um máximo de 200 palavras, defenda um ponto de vista pessoal sobre a problemática apresentada.

FIM



Boas Festas!

GRUPO I - Texto A

1. Madalena recebe o passado e acredita que ele irá destruir o presente. Manuel relaciona-se pacificamente com o passado, nada havendo na sua consciência que lhe provoque temores. Também os temperamentos das duas personagens são diferentes. A mulher tem um discurso sentimental, dominado por emoções violentas, embora admita que possam ser loucuras. Como seria comum no seu tempo, Madalena é submissa, apelando ao coração de Manuel, para o dissuadir de mudar de casa. Este, por seu lado, tem um discurso racional, mostra-se forte e seguro, patriota e corajoso, impondo a sua decisão, que justifica com uma argumentação forte.
2. Sabemos que Madalena vive em constante sobressalto (Cena I). Ficamos depois a saber que esse sobressalto advém do medo de que um dia o seu primeiro marido volte (D. João de Portugal), dissolvendo/desfazendo a sua nova família. Voltar para o local onde já tinha vivido com D. João é o regresso ao passado, o encontro com os fantasmas que a têm atormentado.
3. D. Manuel é o herói romântico que luta pela liberdade, contra a tirania dos governantes castelhanos. D. Madalena é a personagem dominada pelo sentimento: o medo, a culpa, os constantes agouros...
6. a. *“desta” e “aquela”* são deícticos espaciais.
- b. O deíctico *“desta”* refere-se à casa em que estão e vivem naquele momento - ao palácio de Manuel de Sousa Coutinho; *“aquela”* refere-se ao palácio de D. João de Portugal, onde Madalena viveu quando fora casada com ele.
7. a) Oração subordinada substantiva completiva.

Texto B

1. a; 2. b; 3. b; 4. a; 5. b.
6. O Polvo tem um capelo na cabeça que o faz parecer um monge, tem tentáculos que, estendidos, fazem a forma de uma estrela e tem o corpo brando, pois não tem ossos nem espinha. Na sua descrição é usada a **metáfora**: “com aquele seu capelo”; a **anáfora**: “O Polvo com aquele seu [...] parece / com aqueles [...] parece / com aquele [...] parece”; a **comparação**: “com um monge, uma estrela e com a brandura e mansidão”

Grupo II

1. d; 2. c; 3. d; 4. a; 5. c; 6. b.

Grupo III

Resposta livre.